

Subjetividades sexuadas: configurações sexo-afetivas de mulheres heterossexuais, urbanas, de classe média do Recife. (Pesquisa em andamento)¹

Adriana Ledezma Blanchart (UFPE-Brasil)

“heterossexualidade”; “gênero”; “feminilidade”

Resumo

Desde uma perspectiva feminista e mobilizando elementos chaves da analítica queer (Butler, 1990, Preciado, 2008, de Lauretis, 1985) pretende-se realizar uma pesquisa das dinâmicas de poder e de significado das relações sexo-afetivas de um grupo representativo de mulheres heterossexuais da classe média, urbana, do Recife. A partir de uma série de entrevistas semiestruturadas a um total de 7 até 9 participantes de 25 a 35 anos, se aprofundará na experiência de gênero dessas mulheres. A cis-heterossexualidade será assim entendida como uma categoria social indissociável dos processos políticos da ordem cultural ocidental, e se buscará conhecer como é que ela molda suas vivências, projetos pessoais e laços sociais.

Por outro lado, levando em conta as reivindicações feministas da segunda onda sobre uma sexualidade “livre”, considera-se que a sexualidade feminina encontra-se ainda inscrita de maneira complexa, nas polarizações morais da boa mulher/ má mulher, reproduzidas nas figuras da mãe/virgem de um lado e a figura da puta pelo outro, as quais complexificam-se ainda mais nas dinâmicas de consumo das nossas sociedades neoliberais.

Deste modo, entendemos nesta análise a chamada revolução sexual como um dos diversos discursos sobre a sexualidade feminina que informa a formação do sujeito mulher. Dentro dessa narrativa, se considera que a partir da segunda metade do século, ocorre no ocidente uma mudança radical dos valores morais. Do estrito controle da sexualidade feminina, a revolução sexual deu um passo à uma sexualidade feminina denominada livre e omnipresente nas identidades genéricas, especialmente na moda e no ideal da beleza feminina. Nesse sentido, ela está o tempo todo em

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020. ”;

competição com outras narrativas sobre a conduta sexual das mulheres. (FOUCAULT, 1996; PARKER, 1998).

Meu argumento é de que as mulheres heterossexuais da classe média do Recife constroem ativamente uma subjetividade sexual permeada por esta lógica de feminilidade, que é por sua vez constantemente vigiada e controlada (FOUCAULT, 1996) dentro das lógicas específicas da sociedade brasileira local e informada pelos privilégios de classe nesta mesma lógica.

À partir das narrativas de mulheres jovens, heterossexuais, urbanas, de classe média, busco compreender como estes elementos se entrelaçam e informam as experiências e os ideais que direcionam os seus relacionamentos com os seus amantes homens e as suas consequências sociais, onde informados pela analítica queer, definimos “gênero” como um efeito do discurso, e o “sexo” como um efeito do gênero. Em consequência, o gênero e a sexualidade constituem um “processo de estruturação de subjetividade em vez de uma estrutura de relações fixas”. (MORRIS, 1995, p. 568)

Introdução

Para a minha participação no Grupo de Trabalho intitulado “Sexo e o Dom: Etnografias das trocas afetivo-sexuais/comerciais”, no marco da 32 Reunião Brasileira de Antropologia, gostaria antes que nada, retrazar as reflexões que me motivaram a propor uma apresentação sobre meu projeto de mestrado.

Meu projeto de pesquisa foi concebido principalmente seguindo as elaborações teóricas do que veio a ser conhecido dentro da academia como teoria Queer. No entanto, o convite lançado pelos coordenadores Thaddeus Gregory Blanchette (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro), Adriana Gracia Piscitelli (Unicamp), Ana Paula da Silva (UFF - Universidade Federal Fluminense) me interpelou muito particularmente.

Dentro de meu arcabouço teórico meu objetivo se estruturou no sentido de uma procura de elucidações sobre as dinâmicas de poder e de significado das relações sexo-afetivas de mulheres

heterossexuais da classe média, urbana, da cidade do Recife, a partir de uma categoria principal da cis-heterossexualidade.

Neste primeiro momento o estatuto “comercial”, entendido não sua acepção neoliberal atual, teria deixado de fora minha pesquisa, a qual trata de relacionamentos sexo-afetivos nos quais não existe uma relação de compra-venda explícita e/ou monetária. Mas, como é mencionado no início do resumo do GT, existe uma ambiguidade fundamental dentro das relações heterossexuais normativas na lógica ocidental que se baseia na estrita divisão entre as trocas sexuais por amor e as trocas sexuais por dinheiro.

Por outro lado, durante o percurso do meu mestrado, foi possível conceber as contribuições da analítica queer sobre gênero e sexualidade dentro de uma perspectiva “antropologizante”. A partir das reflexões originadas numa disciplina sobre parentesco, compreendi as reflexões da teoria queer como sendo análises aprofundadas sobre uma categoria essencial da conformação específica da pessoa social e a forma na qual está estabelece laços sociais no ocidente.

Contudo, gostaria de tentar mostrar como alguns engajamentos das premissas estruturais por parte de certas teóricas feministas abrem a possibilidade de conceber as relações sexo-afetivas como fenômenos mais amplos, complexificando a estrita divisão moral - e sociológica - entre o sexo-por-amor/sexo-por-dinheiro, permitindo perceber uma multifacetada e intrincada rede onde circulam sexo, afetos, cuidados, e arranjos socioeconômicos.

A análise precursora da teoria Queer.

Fazendo uma leitura crítica da teoria de parentesco de Lévi-Strauss, a antropóloga americana Gayle Rubin propôs o que foi chamado de « sistema sexo-gênero » no seu célebre artigo “O tráfico de mulheres: notas sobre a ‘economia política’ do sexo” publicado pela primeira vez em 1975.

Da mesma forma que Lévi-Strauss, Rubin entende que não se trata de trocas comerciais no sentido em que estas seriam entendidas em nossas economias de mercado. Sua crítica é certamente

menos baseada no fato de Lévi-Strauss projetar uma figura de “mulher objeto” que no fato de levar até às últimas consequências as implicações desta suposta invariável humana.

Uma das especulações de Rubin foi que se Lévi-Strauss estava correto em ver na « troca de mulheres » o elemento chave para a formação das distintas sociedades da humanidade, o tabu do incesto, mecanismo pela qual segundo Lévi-Strauss estipula-se para um grupo humano a prescrição da exogamia « divide o universo da escolha sexual em categorias de parceiros sexuais permitidos e interditos. De forma explícita, proibindo uniões dentro de um grupo, ele impõe as uniões entre os grupos » (RUBIN, 1927, p. 20).

Sem dúvida a conclusão principal do texto foi a que mais teve repercussão para a eclosão posterior dos trabalhos feministas sobre os como os distintos sistemas sexo/gênero se configuram para destituir as mulheres dos benefícios deste tipo de trocas e instaurar a sua inferioridade. No entanto, não é essa especulação que nos interessa aqui.

O postulado que vai reter o nosso interesse é aquele que diz que « o gênero é inculcido nos indivíduos de forma que o casamento seja garantido. Lévi-Strauss chega perigosamente perto de dizer que o heterossexualismo é um processo instituído » (p. 28)

Na leitura que Judith Butler faz do artigo de Rubin, ela afirma que mesmo que o trabalho de Foucault não apareça explicitado na reflexão da antropóloga, ele certamente estabelece as bases para uma crítica foucaultiana das articulações entre sexo e gênero, o qual iria influenciar fortemente sua própria elaboração teórica em *Gender Trouble*, texto considerado fundador da teoria Queer.

Como a mesma Butler reconhece, o seu texto é em grande medida uma leitura americana de diferentes teóricos franceses. Essa interpretação propriamente americana de distintos autores pós estruturalistas encontra-se na base da analítica queer. Certamente, os trabalhos de Rubin foram determinantes para essa ressignificação dos paradigmas europeus, principalmente o trabalho de Foucault.

A revolução sexual

A década dos anos 60 foi um período de grande agitação e transformação social que impactou de maneira definitiva a configuração dos valores sexuais em ocidente. Nos Estados Unidos, o movimento feminista dos anos 50 junto com o movimento de *The Women's Liberation Movement* da chamada segunda onda feminista, assim como os novos conceitos do consumidor na nova economia pós-guerra, foram fatores chave na integração da cultura da liberação sexual no imaginário coletivo da recém formada sociedade de consumo.

A incursão generalizada da mulher na força de trabalho e seu novo poder aquisitivo deram lugar a uma nova figura social feminina, a mulher solteira e profissional. Esta nova figura desestabilizou os papéis tradicionais de gênero, nos quais sua função social estava reservada unicamente à vida de mãe e esposa e a domesticidade decorrente.

Somado ao auge deste novo estilo de vida do solteiro/a -baseado fortemente no consumismo como fonte de satisfação pessoal, status social e autonomia- a ideia de uma vida sexual plena penetrou os discursos de disciplinas como a sexologia e psicologia, constituindo-se como um aspecto valorizado para as novas gerações socializadas neste contexto.

É importante notar que algumas das principais reivindicações feministas foram legitimadas em certa medida pelas validações médicas do orgasmo feminino. Estudos como o de William H. Masters y Virginia E. Johnson (1966) afirmavam que a o orgasmo feminino era precedido de um funcionamento fisiológico da ereção do clitóris, similar as particularidades da ereção do órgão sexual masculino.

Ainda mais importante foram as conclusões formuladas pelo pesquisador Heidenry, afirmando que a estimulação do clitóris era por si só apto à produção do orgasmo feminino. Ele apontou, “*moreover, women were shown to be not only independent of men, but capable of more and deeper orgasms than even the most potent of young men*” (HEIDENRY citado em CHAVES, 2011).

Estes achados médicos coexistiam e se entrecruzam de maneira complexa com os distintos posicionamentos feministas, mas sem dúvida, foram parte inquestionável da mudança na concepção da vida sexual que foram incorporados, por exemplo, à novos meios impressos que, visando um público jovem, transformaram radicalmente os códigos de feminilidade.

Uma sexualidade percebida como liberada de valores repressivos de impulsos, agora vistos como naturais, e a sua conseqüente inscrição no discurso público, foi da mesma maneira retomada pelas indústrias emergentes da publicidade e do marketing. Na medida em que novos produtos eram dirigidos aos novos estilos de vida, estes foram incorporando a sexualidade como estratégia publicitária.

De fato, como apontado D'Émilo and Freedman *“Clothes, cosmetics, liquor, cigarettes, cars, stereo equipment, and various non sexual items intertwined product images into a sexual self that reiterated the kinds of lifestyles that young singles were attempting to attain”* (D'EMILIO & FREEDMAN, citados em CHAVES, 2011).

A figura da mulher independente economicamente e solteira, livre para explorar sua sexualidade antes e por fora do casamento, tendo recurso aos novos métodos anticoncepcionais, lhe permitindo uma dissociação entre sexualidade e reprodução, constituiu-se como a imagem da mulher liberada das assimetrias dos papéis de gênero tradicionais; é um ideal a ser atingido em uma lógica de igualdade dos sexos, ao menos até encontrar o companheiro ideal para formar uma família, sem abandonar porém a sua profissão. combinando agora os papéis de mãe e profissional.

Gênero e Sexualidade no Brasil.

Referindo-se a estrutura familiar do Nordeste, Majken Paulsen assinala *“During Brazil's colonial era, the Nordeste was dominated by sugar plantations. The traditional family structure from the colonial era is traceable in modern gender and relations”* (2006, p. 25).

Da mesma forma Heilborn e da Silva Cabral asseguram que o controle da sexualidade feminina é o elemento a partir do qual se estrutura tradicionalmente o poder patriarcal na sociedade brasileira.

“In fact, until merely four decades ago, the Brazilian structure of power and prestige was grounded in men’s control over women’s morality and sexual conduct” (2013:33)

É importante ressaltar para nossa análise que entendemos estas afirmações como se referindo principalmente às dinâmicas da classe branca dominante. No Brasil, a raça e o gênero entretêm relações complexas, porém trabalhamos com o entendimento da função do estrito controle da sexualidade feminina branca como mecanismo de constituição e reprodução da ordem colonial (STOLCKE, 2014)

Segundo Verena Stolcke, o corpo sexuado foi um elemento central na formação das colônias espanholas e portuguesas para a estruturação cultural e ética de seu tecido social. As relações de parentesco legitimadas desde esta lógica foram cruciais para a manutenção da superioridade racial. Estas se caracterizaram por um extremo controle da sexualidade das mulheres brancas, as quais eram as únicas esposas legítimas- continuando o prestígio da família sempre e quando sua virgindade não fora posta em dúvida -, e uma exploração sexual irrestrita da mulher negra e da mulher indígena.

As reconfigurações da sociedade brasileira, com a abolição jurídica da escravidão e a sua formação de uma sociedade de classes no sentido marxista, espalharam os códigos morais da família burguesa em todos os níveis da sociedade. Os princípios de mulher com honra versus mulher sem honra se desdobraram sobre as noções de mulher universal promulgada pela ideologia política liberal e seu sujeito jurídico da nação moderna brasileira.

É neste sentido que podemos compreender a afirmação feita por Paulsen no que diz respeito aos ideais regulatórios que ela encontrou em seu campo. A autora relata que em um bairro de escassos recursos, Jardim Verde, em Fortaleza “The masculine ideal was the macho and the feminine ideal was a fusion of the virgin and the mother” ... (PAULSEN, 2006, p. 86).

De fato, Parker afirma que existe dentro da socialização tradicional brasileira da experiência sexual das *moças* uma “regra de silêncio”, caracterizada pela desinformação e a ignorância referente a qualquer aspecto de sua sexualidade. Segundo ele, « *Because femininity is understood as so inferior and yet, at the same time, so threatening, it must be rigidly controlled and regulated. The withholding of information is at least one means of achieving this control* » (1998).

Neste sentido, a figura da mulher ideal de virgem-mãe - que foi também observada por Paulsen- Parker contrapõe, no universo simbólico, a figura da prostituta, sendo esta um personagem transgressor dos severos controles de feminilidade e sexualidade feminina na sociedade tradicional brasileira. (PARKER, 1998)

Hoje em dia, a realidade social do país está sujeita às mudanças próprias da globalização como qualquer outra nação. Como salienta Altman: “*As young people pour into the rapidly growing cities across the third world, they are exposed to new media images, through cinema, television, and above all the internet, which offer radically different ways of imagining sex and gender arrangements and identities*”. (2004, p. 12)

No final da década de 70 e começo dos anos 80, quando começaram a surgir os estudos tratando propriamente da sexualidade no Brasil, foi evidente a existência de uma ampla difusão da ideologia individualista-igualitária entre as classes médias urbanas, resultantes das transformações ocorridas nas condutas brasileiras, como o acesso à pílula anticonceptiva, a revolução sexual e a cultura hippie, (LOYOLA, 2010).

Assim, uma das generalizações que os trabalhos expostos no segundo seminário do Grupo de Trabalho Sexualidade e Reprodução, realizado na Universidade do Rio de Janeiro, em 1983, permitiram elaborar, foram as tensões emergentes entre associação e dissociação, entre sexualidade e reprodução, tendo esta como pano de fundo uma tensão mais ampla à nível social entre dois modelos de família e da relação de gêneros, o modelo mediterrâneo e o modelo individualista, que se distribuem desigualmente entre os setores sociais. (LOYOLA e FRY, 1984).

De acordo com Loyola, a partir dos trabalhos como os de Dauster (1984) e Guimarães (1984) “...o que parece caracterizar o modelo individualista-igualitário é um crescente questionamento das diferenças radicais entre masculinidade e feminidade” (LOYOLA, 2010).

Contudo, no que concerne a sexualidade, os resultados do estudo realizado por Heilborn e da Silva Cabral em 2013, põem em xeque a conceitualização binária do modelo mediterrâneo/individualista utilizados nestes primeiros estudos. Reconhecendo que o processo de modernização não é homogêneo e obedece aos fatores tais como o nível de escolaridade e a posição social, a investigação ressalta que existe, na verdade, uma coexistência entre um processo de individualização e a persistência da ideologia tradicional de gênero. (HEILBORN y DA SILVA CABRAL, 2013).

Já no contexto específico da cidade do Recife, Pizzato Ferrari, que decidiu estudar as maneiras nas quais as mulheres de classe média estavam ressignificando as formas de relacionar-se sexo-afetivamente com seus parceiros, confirma a tendência descrita por Loyola. De fato, as mulheres entrevistadas pela antropóloga, jovens entre 25 e 35 anos, profissionais, heterossexuais, solteiras e financeiramente independentes, implementaram estratégias pessoais que se contrapõem a assimetria geralmente vivenciada com seus parceiros homens. A atitude de rejeitar as formas tradicionais de relacionamento surge para elas como uma necessidade em acordo com as expectativas de vida que eram concebíveis e desejáveis dentro de seu entorno social.

Uma das mudanças significativas observadas pelos pesquisadores das condutas sexuais no Brasil, (HEILBORN e DA SILVA CABRAL, 2013) é o fato da importante tendência entre mulheres de camadas médias de praticar uma sexualidade sem vínculos afetivos, atitude altamente distanciada das expectativas femininas na lógica tradicional. É interessante observar que tal tendência não faz parte das experiências das mulheres entrevistadas por Pizzato.

Suas interlocutoras afirmam unanimemente a importância de ter relações sexuais com parceiros com os quais exista um tipo de intimidade emocional. Porém, Pizzato afirma que como profissionais e economicamente independentes, estas mulheres estão optando por relações sexo-afetivas definidas como amizade, onde não existe uma obrigação de fidelidade e não se compartilham

as moradias. Mesmo que algumas destas mulheres queiram ter filhos no futuro, elas consideram a possibilidade de serem mãe solteiras e não vêem o casamento como uma obrigação.

Observamos assim a descrição de movimentos aparentemente contrários. Por um lado, os estudos de Maria Luiza Heilborn -formada com o antropólogo Gilberto Velho e que igualmente a vários de seus colegas trabalharam sobre as dinâmicas da classe média- o que parece caracterizar suas pesquisas é o fato de que, sob formas aparentemente não convencionais de relações sociais, se encontram dinâmicas que em última instância terminam por reforçar o status quo. Tal qual o caso de trabalhos como os de Dauster, Salem, Duarte, Lins de Barro etc.². Por outro, trabalhos como os de Pizzato, descrevem que efetivamente mudanças importantes estão acontecendo para os arranjos sexo-afetivos de suas interlocutoras.

Os distintos significados da revolução sexual

A este quadro de narrativas em disputa dentro das quais tomam formas a feminilidades no nosso contexto brasileiro, soma-se a consolidação do paradigma socioeconômico do neoliberalismo. O conjunto de políticas econômicas implementadas a partir da década dos 70, iniciadas nos governos Thatcher e Reagan, baseadas em uma importante desregularização do mercado e a desarticulação do Estado de bem-estar, instituem o indivíduo-consumidor- nascido como vimos na economia da pós-guerra- como pilar organizador das relações sociais. Assim, as lógicas de mercado começam a penetrar cada vez mais em todos os aspetos da vida, incluindo a esfera da intimidade.

As reflexões feministas da segunda onda deixaram claro que “o pessoal é político” antes da consolidação do regime neoliberal. Contudo, esta afirmação se desdobrou em debates que, mesmo com contribuições teóricas e políticas muito importantes, levaram a uma polarização aguda e problemática entre agência e estrutura, tal que exemplificado com a emblemática “sex wars”.

² Nota de classe. Prof. P.Scott, 01/06/2019

Como resume Hungerford:

Libertarian feminists regard consensual sexual behavior as potentially empowering for females, generally arguing that the sexual revolution has allowed women to transcend the role of passive sexual object and assume the roles of sexual initiators and subjects previously reserved for men. By contrast, radical feminists hold that, due to the overarching societal power structures of heterosexuality, the circumstances under which female sexual agents can engage in sex acts without succumbing to the patriarchal sexual paradigm are severely limited and, in fact, greater participation in heterosexual sex will only exacerbate sexual objectification and subordination of women (Hungerford, 2013)

Já em 1984, Anna Ferguson denuncia que. “*A problem with the current debate between radical and libertarian feminists is that their opposing positions do not exhaust the possible feminist perspectives on sexual pleasure, sexual freedom, and danger*” (FERGUSON, 1984).

Numa análise retrospectiva do debate, Barton afirma que “*The feminist sex wars have been criticized for offering two reductionist positions*” (BARTON citado em HEATH e GOUWELLOOS, 2016). Em efeito, por um lado a concepção de poder e opressão por parte das feministas radicais repousa amplamente no paradigma marxista de opressores/oprimidos e dá como resultado a negação quase absoluta da agentividade feminina. Pelo outro a ênfase no alcance ultra subversivo da emancipação sexual das mulheres ignora as diferenças de poder nas que são construídos os ideais de feminilidade e sexualidade feminina.

Finalmente, as críticas por parte de vários segmentos de mulheres -mulheres negras, chicanas, lésbicas, trabalhadoras, etc.,- que não se viam representadas nas reivindicações feministas deste período, fizeram explodir a suposta universalidade da categoria mulher a partir da qual muito desses debates eram operacionalizados, complexificando ainda mais as questões debatidas.

Contudo, os diversos posicionamentos têm surgido como desdobramentos desses debates tratando especificamente da tríade trabalho-sexualidade-gênero e continuam a se proliferar nos tempos atuais. As perspectivas apontadas para nosso Grupo de Trabalho sobre a divisão de sexo-

por-amor/sexo-por-dinheiro - a teoria das “esferas separadas” e a teoria “nada é diferente” se inscrevem nesse debate, complexificando-se e entrecruzando-se com outras variáveis.

Seguindo uma certa linha de argumentação, o matrimônio, mas também o sexo heterossexual por amor e/ou desejo, tem sido colocado como parte da ideologia patriarcal, outorgando acesso sexual irrestrito ao corpo das mulheres por parte dos homens. O trabalho sexual nesta lógica seria a expressão máxima de opressão.

Ao mesmo tempo, o trabalho doméstico e as tarefas de cuidado têm sido reivindicados como trabalho não-pago também ao serviço da ideologia patriarcal do amor romântico e a figura materna. Os atos sexuais, levando até as últimas consequências esta lógica, poderiam ser consideradas como trabalho.

De fato, ativistas e trabalhadoras do sexo, ao nível internacional, tem argumentado cada vez mais que o trabalho sexual é como qualquer outro trabalho dentro das lógicas capitalistas e devem, nesse sentido, estar regulado pelo Estado.

Inclusive existem ativistas que tem chegado a afirmar que nos novos arranjos sexo-afetivos pós revolução sexual, as mulheres tem vindo a se constituir como as prostitutas não-pagas do capitalismo, fazendo referência aos modelos de hiper sexualização que têm se transformado em marcos inquestionáveis de socialização para as novas gerações.

A este respeito resulta interessante o estudo realizado por Bozon sobre as configurações do gênero na França contemporânea. O autor afirma “Tradicionalmente o direito à atividade sexual era adquirido com o estatuto de sujeito casado; hoje em dia, o intercâmbio sexual passou a ser o motor interno da conjugalidade.” (BOZON, 2003, p. 135). A sua análise comporta dois achados interessantes. 1) A ideologia de igualdade aproximou as idades de primeira experiência sexual entre homens e mulheres e 2) Apesar da disseminação do valor de reciprocidade entre os parceiros sexuais, assimetrias de gênero subsistem, sendo o desejo feminino menos importante que o masculino. (BOZON, 2003)

Outro dato interessante desta pesquisa é a incorporação de prática do sexo oral nas relações sexo-afetivas ditas recíprocas, prática antigamente de especialidade das trabalhadoras sexuais. (Bozon, 2003)

A teoria Queer.

Levando estes debates em conta, meu estudo quer perguntar-se quais são as implicações de abordar estes distintos posicionamentos sobre o gênero a sexualidade a partir da teoria Queer?

As teóricas mais influentes dentro da teoria queer - Butler, de Lauretis, Preciado - apropriam-se das teses formuladas sobre a constituição recíproca entre o poder e o sujeito na ordem política ocidental feitas por Foucault, reintegrando o que elas caracterizam como a grande falta destas : o conceito de gênero, porém este último é reformulado numa lógica desontologizante.

Segundo a leitura feita por Preciado: “*Pensando en las transformaciones de la sociedad europea de finale del siglo XVII Foucault llama de biopoder a esta nueva forma de poder productor, difuso y tentacular. El poder desborda el dominio de lo jurídico, del ámbito punitivo, para volverse fuerza que penetra y constituye el cuerpo del individuo moderno*”. (PRECIADO 2008, p, 57)

Assim, para Foucault, “A maior marca de modernidade é o controle político do corpo”. (CYFER, 2011, p. 251)

Por sua vez, Teresa de Lauretis retoma em seu artigo a tecnologia do gênero: “a visão foucaultiana da sexualidade como uma tecnologia social ” (1989, p. 25) e tratando de ir além das limitações do conceito gênero tal qual produzido pelas feministas até esse momento, propõe conceitualizar o gênero “como um conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais, por meio do desdobramento de uma complexa tecnologia política” (DE LAURETIS, 1989, p. 8)

O mais importante na teorização de Lauretis é a complexidade que assumem os mecanismos do gênero uma vez que estes são ao mesmo tempo o produto e os processos tanto da representação de gênero quanto da auto-representação.

No mesmo sentido, seguindo Foucault e Butler, Preciado afirma “*Eso que llamamos sexo, pero también el género, la masculinidad y la feminidad, y la sexualidad son “técnicas del cuerpo”, (techniques du corps en el sentido de Marcel Mauss), extensiones biotecnológicas pertenecientes al sistema sexopolítico cuyo objetivo es la producción y expansión colonial de la vida heterosexual humana sobre el planeta*” (PRECIADO, 2008, p. 93)

Deste modo, a teoria queer subverte em profundidade a certeza e imutabilidade do natural para evidenciar o caráter contingente das identidades de gênero. A heterossexualidade vem a se revelar como uma consequência das complexas tecnologias sociais que repercutem a ordem dicotômica e hierárquica na qual os distintos corpos são categorizados e situados.

Nas palavras de Butler isso se traduz da seguinte maneira “*The heterosexualization of desire requires and institutes the production of discrete and asymmetrical opposition between feminine and masculine where these are understood as expressive attributes of male and female*”. (BUTLER, 1990, p, 21)

De igual maneira, Dreyer Alexandersen assinala que “*As we learned from the Foucaultian universe explained by Sara Mills and her examples and outlines of different feminist scholars inspired by Foucault, heterosexual agency is negotiated and intertwined through different and contradictory discourses*” (MILLS 2004, p. 79, citado em ALEXANDERSEN, 2009, p. 25). “*Femininity is thus not solely a subordinated device; it is both confirming to as well as resisting the heterosexual norm*”. (ALEXANDERSEN, 2009, p. 25)

Zambrini e Iadevito também identificam as reflexões de Judith Butler e Teresa de Lauretis como uma tentativa de equilibrar e ir mais além das posições de essencialismo e o nominalismo descritas anteriormente. “*Estas dos miradas se inscriben –dentro del feminismo filosófico– en lo que podría denominarse tercera opción o postura, pues conciben la identidad desde la perspectiva*

que la define como construcción posicional y narrativa, y le reconocen la particularidad de ser relativa, dinámica y generizada”. (Butler, 1990; De Lauretis, 1996, citadas em Zambrini y Iadevito, 2009: 3).

Epistemologicamente então, as contribuições mais importantes deste marco residem no fato de uma vez apropriadas as ferramentas analíticas foucaultianas, sexo e gênero não são somente resultados de processos histórico-culturais contingentes e dinâmicos, se não que eles são produzidos e contidos ao mesmo tempo e pelo mesmo poder instituidor. É este mesmo poder que na hipóteses repressiva consegue invisibilizar-se através de uma aparente naturalidade por fora dos processos significantes. E para Butler, aí onde Foucault vê sexo, ela enxerga gênero produzindo esse sexo.

A partir destes posicionamentos me interessa elaborar os seguintes questionamentos:

Quais são as estratégias que as mulheres implementam com base na dissonância e entrecruzamento destes discursos, entendidos como complexas tecnologias de gênero no sentido de Lauretis?

Quais são as continuidades ou discontinuidades das expectativas do gênero enquanto pilares fundamentais da reprodução social em nossas sociedades pós coloniais sul-americanas, nesse caso no segmento da classe média do Recife?

Como os princípios de inteligibilidade social da feminidade delineiam os afetos, expressões e escolhas sexuais das interrogadas para formar laços sociais?

Se, como vimos no estudo de Pizzato, o fato de as mulheres por ela estudadas terem uma independência econômica permitia-lhes terminar seus namoros e escolher relacionamentos em uma lógica de amizade sem a necessidade de morar juntos. Essa tendência de não querer conformar uma unidade doméstica continua em crescimento para as jovens do Recife hoje em dia? A prática de uma sexualidade sem compromisso tem ganhado terreno desde então? Alguma vez tem experienciado violência de algum tipo por praticá-la? Como isto é experienciado por estas mulheres, se for o caso? Os seus desejos são exclusivamente heterossexuais? Como é que estes se

manifestam na sua realidade? Existe uma flexibilização da matriz heterossexual? Esta última tem consequências decisivas na organização sociocultural?

Os objetivos

Objetivo geral: Explorar as narrativas das experiências e os desejos de mulheres jovens heterossexuais com respeito a sua vida sexo-afetiva.

Objetivos específicos - Descrever como se manifesta sua subjetividade com respeito ao sexo-gênero-desejo ao qual representam.

-Evidenciar os componentes socioculturais e políticos do que se considera como vida privada e assuntos banais da vida cotidiana.

-Identificar e descrever as contradições, ou ao contrário, a fidelidade das expectativas sociais de sua identidade assim como as consequências concretas desta nas suas vivências a partir de suas narrativas.

Referência bibliográfica

ALEXSANDERSEN, Christine Dreyer. **Increasing women's sexual agency with feminist pornography? A study on and with a feminist organization in Copenhagen on feminist pornography, heterosexuality and sex.** (Master Thesis: Gender Studies), Lund University, 2016.

BOZON, Michel. Sexualidade e conjugalidade A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cadernos pagu** (20) 2003: pp.131-156

COMELLA, Lynn. Revisiting the Feminist Sex Wars. **Feminist Studies**, Vol. 41, No. 2 (2015), pp. 437-462. Disponível em : <http://www.jstor.org/stable/10.15767/feministstudies.41.2.437>

CYFER, Ingrid. Feminismo, Sexualidade e Justiça no debate entre Nancy Fraser e Judith Butler. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, SBS, 2011.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In Heloisa Buarque de Hollanda (org e intro), **Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura.** Gênero Plural, 1994, pp. 206-241

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity.** Routledge, New York, 1990.

FERGUSON, Ann. Sex War: The Debate between Radical and Libertarian Feminists. **Signs**, Vol. 10, No. 1 (Autumn, 1984), pp. 106-112. The University of Chicago Press. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3174240>

GAYLE, Rubin (Org.) The traffic in women: notes on the political economy of sex. In REITER, R. (ed) *Toward an Anthropology of Women.* New York, Monthly Review, 1975. (edição em português –SOS Corpo)

HEATH Melanie, BRAIMOH Jessica. & GOUWELLOOS Julie. Judging Women's Sexual Agency: Contemporary Sex Wars in the Legal Terrain of Prostitution and Polygamy, **Signs: Journal of Women in Culture and Society** 42, no. 1 (Autumn 2016): 199-225.

HEILBORN Maria Luiza & CABRAL, Youth, gender and sexual practices in Brazil. **Psicologia & Sociedade**; 25 (n. spe.) (2013): 33-43

HUNGERFORD, Nichole. **Identifying the Limits of Sexual Liberation as a Feminist Value.** (Master of Arts) Submitted to the University at Albany, State University of New York. College of Arts & Sciences Published by ProQuest LLC. (2016) Pro Quest Number: 10152821

LOYOLA Maria, Andréa. Antropologia da Sexualidade no Brasil. **Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 10 (1) (2000): 143-167

MORRIS, R. C. ALL MADE UP: Performance Theory and the New Anthropology of Sex and Gender. **Ann. Rev. Anthropol.** 1995. 24:567-9. Downloaded from www.annualreviews.org

PAULSEN Marjken. **Female Vulnerability and Sexuality: Gender and Poverty in the Margins of Brazil** masteroppgave i sosialantropologi ved Universitetet i Oslo 2006 |

PARKER, Richard. (Org.) **Bodies, Pleasures and Passions; Sexual Culture in Contemporary Brazil**. Boston: Beacon. (1991)

_____. & EASTON Delia. Sexuality, Culture, and Political Economy: Recent Developments in Anthropological and Cross-Cultural Sex Research, **Annual Review of Sex Research**, (1998) 9:1, 1-19

PIZZATO, Fernanda Ferrari. **Do namoro à amizade: os matizes das parcerias sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas profissionalmente, residentes no Recife**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Pernambuco. CFCH. Antropologia.2010

POSADA, Kubisa Luisa. El “género” Foucault y algunas tensiones feministas. **Estúdios de Filosofia**, 52 (2015): 29-43

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

SANTARELLI, Natalia. **Categorías de género, experiencia y subjetividad en el pensamiento de Teresa de Lauretis. La potencia del acompañamiento socorrista en la construcción de género**. Villa Universidad Nacional de Villa María (2016)

STOLCKE, Verena. O enigma das interseções: classe, raça, sexo e sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006

ZAMBRINI Laura y IADEVITO Paula. Feminismo filosófico y pensamiento post-estructuralista: teorías y reflexiones acerca de las nociones de sujeto e identidad femenina. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, Núm. 2 (2009) ISSN 1984-6487 / n.2 2009 pp.162-180 / www.sexualidadsaludysociedad.org